

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Eterna demanda do reencontro

José Eustáquio Romão (*)

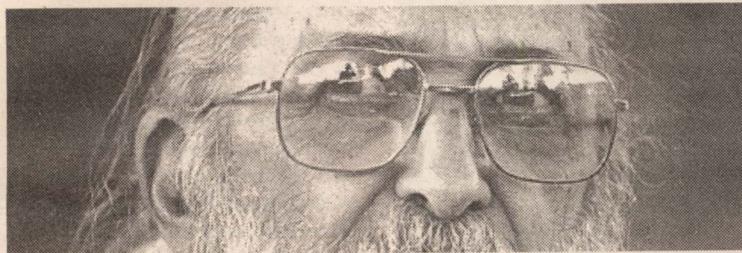
Este pequeno texto me foi inspirado por Celso de Rui Beisiegel, no seu curso de Pós-Graduação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, durante uma de suas geniais preleções sobre a educação popular e, mais especificamente, sobre o que ele denominou "Método Paulo Freire". Aliás, convém lembrar que o Professor Celso escreveu uma das obras mais importantes sobre esse pedagogo: **Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil**. E a inspiração começou com uma perplexidade minha, diante da afirmação de que "Paulo Freire, cada vez que escreve um livro, reescreve sempre o primeiro de sua lavra, na busca incessante de superação da diretividade do processo pedagógico, em favor da manifestação das representações do educando".

Assim, não seria apenas **A pedagogia da esperança** que traz explicitamente, como subtítulo, "Um reencontro com a Pedagogia do oprimido" - a expressão de um quase angustiante retorno dialético ao já refletido e realizado. Todos os ensaios, artigos, conferências, palestras, entrevistas e livros, enfim, todo o esforço reflexivo freireano é esse eterno remoer das contradições que se dão no interior de uma concepção pedagógica libertadora que, por sua própria essência e teleologia, demanda o não-diretívismo.

Porém, como não se colocar como instrumento indutor da substituição da reflexão mágica ou alienada pela apreensão crítico-dialética da realidade, como não trabalhar pela transformação da "consciência em si" em "consciência para si" da "consciência real" para a "consciência possível", se nas sociedades de classes em que os oprimidos vivem, os mecanismos do tráfico ideológico são os mais eficientes grilhões já criados pela imaginação dominante?

Esta contundente angústia reflexiva acabou por repercutir no relacionamento de Paulo com as equipes de trabalho, que sob sua

orientação, procuraram aplicar a concepção pedagógica freireana na prática da alfabetização e de educação básica popular. Dos biográficos de Paulo que tocam no problema e cujos textos estão neste livro, destacá-riamos Moacir Gadotti, Carlos Alberto Torres e Heinz-Peter Gerhardt. Este último, mais especificamente, declara: **Os autores da cartilha escolheram uma diretriz política de abordagem com cinco 'palavras geradoras': povo, voto, vida, saúde e pão. Das sílabas desses vocábulos, foram formadas, entre outras, sentenças como 'O voto pertence ao povo' e 'No Nordeste só haverá**



paz quando as injustiças forem eliminadas em suas raízes'. Esperava-se que elas inspirassem discussões políticas e formatassem sua estrutura e conteúdo.

Freire opôs-se, firmemente, ao ensino de mensagens prontas aos analfabetos. mensagens prontas produziam sempre "efeitos domesticadores", quer vindo da direita, quer vindo da esquerda. Ambos os lados demandariam aceitação acrítica de doutrinas e a manipulação teria início.

Como ser diretivo sem ser autoritário? Como distinguir a educação popular da populista? Por outro lado, como propiciar a espontaneidade da manifestação do educando, sem cair no espontaneísmo?

Paulo Freire, imerso no compromisso com uma educação libertadora, por isso mesmo, sempre esteve preocupado com o ato pedagógico que, por sua própria natureza, implica numa relação, em algum nível, hierarquizada. Outros grandes pensadores se viram a braços com o mesmo problema, mas a ele aplicaram o que

poderíamos denominar uma "solução cirúrgica" que, no nosso modo de entender, não resolve a questão, além de beirar o autoritarismo epistemológico (positivismo), na medida em que nega ou interrompe o processo configurado na relação pedagógica. Illich, por exemplo, ao propor a "desescolarização" da sociedade tentava escapar da contradição de se formar pessoas livres e conscientes através de atos autoritários-disciplinadores-alienantes. os freudianos ortodoxos, não enxergando a possibilidade de conciliação entre a "psicanálise libertadora" e o ato pedagó-

gico recalcador, ou negaram a humanidade do último ou caíram na anarquia pedagógica da escola de Summerhill.

A tensão de Paulo Freire entre os perigos da domesticação implícitos na relação pedagógica e a necessidade de o ato educativo ser um instrumento de libertação leva-o, pelo contrário, à formulação de conceitos apenas vislumbreados ou implicados em suas concepções iniciais e cada vez mais explicitados e assumidos nas últimas obras. E no nosso modo de entender, o passo mais importante e mais abrangente deles, do qual derivam os demais, é a assumpção da razão dialética. Diz ele, na obra **À Sombra desta Mangueira: Por negarem a tensão dialética consciência/mundo, cada qual a seu modo, idealistas e mecanicistas obstaculizam a inteligência correta do mundo, esse tem sido um tema que me desafia e ao qual tento sempre responder, coerentemente, com meu sonho democrático.**

E Paulo, no conjunto de sua obra, não vê a possibilidade de li-

bertação dos oprimidos sem uma "inteligência correta do mundo", que nunca será, mas está sempre sendo, no ir-e-vir entre a prática pedagógica e a reflexão que tenta desvendar as determinações históricas-sociais dessa prática, para ela retornar com outros olhos e compromissos.

Neste sentido insiste que a **"história é possibilidade"** e não **determinismo. Somos seres condicionados, mas não determinados. É impossível entender a História como tempo de possibilidade se não reconhecemos o ser humano como ser da decisão, da ruptura. Sem esse exercício não há como falarmos em ética.**

Portanto, a dicotomia, o paradoxo, a contradição só se manifestam na razão positivista, como aquela apreendida pelos não-dialéticos entre a necessidade histórica e liberdade. Eles não conseguem enxergar que o conhecimento dos condicionantes históricos são o primeiro passo para o homem se tornar sujeito de sua própria história. A dicotomização essencial de princípios, entes e fenômenos antagônicos na razão positivista, na qual a realização de um nega a possibilidade do outro, é na verdade, para a razão dialética, a potencialização da transformação.

Paulo Freire, na sua demanda do Santo Graal Democrático, qual cruzado, empunha, cada vez mais, a espada da dialética, percebendo-se como educador-como-educando a ler e transformar o mundo e que, por isso mesmo, não pode assentar-se na cátedra de mestre, mas na cadeira de mestre-aprendiz, que, com seus aprendizes-mestres, num processo de tensão permanente, constróem a relação pedagógica mais necessária à libertação de todos.

(*) José Eustáquio Romão, historiador e cientista político, é diretor do Instituto Paulo Freire e autor, entre outras obras, de "Poder local e educação e dívida externa e educação para todos".

JARDIM ESCOLA



Ampliando para melhor servir

Ensino de MATERNALZINHO à 8ª série

Laboratório de INFORMÁTICA, BALLET e Cozinha Experimental

“...Ao rever hoje, tantos anos depois, a prática daquela época, ao repensar os pontos primordiais do programa que nos desafiava, percebo sua atualidade e sua vigência.

Perceber sua atualidade hoje não significa, lamentavelmente, que tivéssemos sido, a equipe e eu, uns antecipados. Significa, apenas, quão pouco avançamos em matéria de democratização de nossa educação.

Democratização a que nos entregamos inteiros...

...Democratização da escola quanto a sua maneira de compreender o ato de ensinar. O esforço de superação da transferência mecânica dos conteúdos por uma forma crítica de ensinar. O respeito ao conhecimento com que os educandos chegavam à escola, o não menos necessário respeito à identidade cultural dos educandos.

A luta hoje tão atual contra os alarmantes índices de reprovação que gera a expulsão de escandaloso número de crianças de nossas escolas, fenômeno que a ingenuidade ou a malícia de muitos educadores e educadoras chama evasão escolar, dentro do capítulo do não menos ingênuo ou malicioso conceito de fracasso escolar...” (Pág. 119)